

LOGOTERAPIA APLICADA À PRÁTICA CLÍNICA NA INFÂNCIA LOGOTHERAPY APPLIED TO CLINICAL PRACTICE IN CHILDHOOD

Camila Ribeiro da Costa
Maria Helena Budal da Silva
Thaislane Nascimento Cruz
Loivo José Mallmann
Luana Barros Nascimento de Lima

Resumo:

A infância se caracteriza por singularidades próprias de sua fase no desenvolvimento do ser humano. A Logoterapia e Análise Existencial, abordagem criada por Viktor Emil Frankl, vem, nos últimos anos, sendo aprofundada, ampliada e aplicada por seus estudiosos ao contexto da prática clínica com crianças. O objetivo deste estudo foi descrever a visão antropológica logoterapêutica aplicada à infância, os pontos característicos da psicoterapia centrada no sentido e algumas considerações referentes à prática do logoterapeuta infantil. O método utilizado foi a pesquisa bibliográfica exploratória qualitativa. Como resultado, observou-se a importância da compreensão da teoria, especialmente a visão de ser humano como um ser bio-psico-noético, livre e responsável, capaz de se autodistanciar e autotranscender, tendendo existencialmente a buscar o sentido e que quando não encontra, frustrando sua vontade de sentido, vivencia o que Frankl chama de vazio existencial, surgindo o tédio e a apatia. Tal perspectiva antropológica orienta o olhar para a criança, assim como também para a aplicabilidade da Logoterapia na prática clínica infantil, respeitando as capacidades de cada infante. Destaca-se também a importância da preparação do profissional de psicologia para atender a essa fase de desenvolvimento específica. A Logoterapia Infantil no Brasil tem sua escrita científica recente; entretanto, encontram-se muitos relatos de profissionais reconhecidos na área, desenvolvendo a clínica logoterapêutica para este público há muitos anos. Assim, esta pesquisa observou uma limitação em materiais publicados. Espera-se que tal artigo possa contribuir para o avanço da clínica infantil logoterapêutica, além de instigar maiores reflexões e o desenvolvimento de novos estudos.

Palavras-chaves: Logoterapia infantil; Psicoterapia infantil; Criança; Psicoterapia.

Abstract

Childhood is characterized by the singularities of its stage in the development of the human being. Logotherapy and Existential Analysis, an approach created by Viktor Emil Frankl, has, in recent years, been deepened, expanded and applied by its scholars to the context of clinical practice with children. The aim of this study was to describe the anthropological view of logotherapy applied to children, the characteristic points of meaning-centered psychotherapy and some considerations regarding the practice of child logotherapists. The method used was qualitative exploratory bibliographical research. As a result, we observed the importance of understanding the theory, especially the vision of the human being as a bio-psycho-noetic being, free and responsible, capable of self-distancing and self-transcending, existentially tending to seek meaning and that when they don't find it, frustrating their desire for meaning, they experience what Frankl calls existential emptiness, with boredom and apathy arising. This anthropological perspective guides our view of the child, as well as the applicability of Logotherapy in children's clinical practice, respecting the capacities of each child. It also highlights the importance of preparing psychology professionals to attend to this specific stage of development. Children's Logotherapy in Brazil has only recently been written about scientifically; however, there are many reports of recognized professionals in the field, who have been developing logotherapy clinics for this audience for many years. Thus, this research observed a limitation in published materials. It is hoped that this article can contribute to the advancement of the logotherapeutic child clinic, as well as instigating further reflection and the development of new studies.

Keywords: Child logotherapy; Child psychotherapy; Child; Psychotherapy.

INTRODUÇÃO

A pesquisa aborda a aplicação da Logoterapia no contexto infantil, destacando sua relevância na prática clínica com crianças. Em seguida, discute os aspectos específicos da teoria logoterapêutica, como a visão antropológica, os princípios centrais da psicoterapia e as considerações práticas em relação à atuação e ao profissional.

Explorando o âmbito da Logoterapia e Análise Existencial, adentramos a trajetória de seu fundador, Viktor Emil Frankl (1905-1997). Nascido em Viena, Áustria, Frankl foi um neurologista e psiquiatra de origem judaica. Sua formação como psiquiatra foi marcada por experiências significativas: ao longo de sua carreira, trocou correspondências com Freud,

absorvendo elementos da sua psicodinâmica e visão de processos psicológicos; foi o único não psicanalista a ter um artigo publicado na revista de psicanálise em sua época; tinha também ampla experiência de atendimento clínico psiquiátrico, a qual adquiriu no Hospital Psiquiátrico Steinhof. Além disso, participou do grupo de psicologia individual de Alfred Adler, obtendo conhecimento da perspectiva da psicologia individual. As abordagens criadas por Freud e Adler correspondem, respectivamente, à Primeira e à Segunda Escolas de Psicoterapia de Viena. A Terceira Escola Vienense de psicoterapia é a fundada por Frankl. A Logoterapia está, portanto, embasada na teoria de dois gigantes visionários da alma humana^(1,2).

Com a ascensão do nazismo na Alemanha, os judeus e ciganos passaram a ser perseguidos. Por ser judeu, Frankl e seus familiares foram levados aos campos de concentração nazistas. Nesse ambiente, ele sobreviveu por três anos, em meio a trabalhos forçados. Precisou lidar com a separação da família, a escassez de alimentos e a tentativa de destruição da dignidade humana. Seu relato autobiográfico está exposto no livro *Em Busca de Sentido: um Psicólogo no Campo de Concentração*, onde descreve a experiência na qual sua teoria e visão de ser humano foram vivenciadas ao extremo, a *experimentum crucis*. Por meio dessa obra, que virou best-seller mundial, Frankl contribuiu para que outros pudessem conhecer e imaginar o terror de um campo de concentração^(2,3).

O termo logoterapia pode ser traduzido como composto de *logos*, entendido como “espírito” e “sentido”⁽⁴⁾, e *terapia*, que significa a terapêutica por meio do sentido. Uma vez que o sentido é único, assim como cada ser humano, ele será o norteador da prática clínica⁽⁵⁾. A vontade de sentido, por sua vez, é a motivação primária do ser humano, que tem a consciência como “órgão do sentido”, por meio do qual busca o sentido para cada situação ou contexto em que está inserido^(4,6).

Logoterapia e Análise Existencial representam diferentes perspectivas dentro de uma mesma abordagem. A Logoterapia busca integrar o *logos* à prática psicoterapêutica, enquanto a Análise Existencial enfatiza a dimensão da existência no contexto da psicoterapia. Expandindo os horizontes das teorias psicológicas, essa abordagem considera tanto o *logos* (sentido e valores) quanto a existência, especificamente humana, específica como liberdade e responsabilidade. O primeiro corresponde ao âmbito objetivo – o dever ser–, e o segundo, ao âmbito subjetivo da espiritualidade – o poder ser^(4,8).

A Logoterapia e Análise Existencial é embasada na fenomenologia e na filosofia da existência⁽⁷⁾. A visão de ser humano proposta por Viktor Frankl está fundamentada na filosofia

e antropologia de Max Scheler e na ontologia de Nicolai Hartmann. Assim, o homem é compreendido em três dimensões: a corporal (biológica), a psicológica e a noética (espiritual), sem ser reduzido a uma única dimensão. Ou seja, tais dimensões são distinguíveis, inseparáveis, sem uma se reduzir à outra, numa unidade antropológica ⁽⁸⁾.

A infância, como fase própria do desenvolvimento humano, nem sempre foi reconhecida pela humanidade. Até o século XVII, as crianças eram representadas nas telas como “miniadultos” ⁽⁹⁾. Desse modo, os elementos singulares da infância foram ignorados por vários anos ^(10,11). Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente ⁽¹²⁾, é considerada criança a pessoa até os 12 anos de idade incompletos. Por isso, “as idades propícias para realizar psicoterapia com criança são desde os 6 anos até os 12 anos. Ainda que seja possível trabalhar com crianças mais novas (de 2 a 6 anos)” ^(13:42-43).

Nessa perspectiva, a criança é vista como portadora dos mesmos recursos noéticos que a pessoa adulta, porém eles estão desenvolvidos em proporção à sua idade e singularidade ⁽¹⁴⁾. Sendo assim, essa abordagem psicológica pode auxiliá-la a acessar seus recursos noéticos com maior facilidade e desenvolvimento, tornando-se, conseqüentemente, um apoio para que viva com mais possibilidades de concretizar sentido, respeitando seu desabrochar e ampliando as possibilidades de repertórios para todas as etapas sequenciais do desenvolvimento humano.

O presente artigo tem como objetivo principal descrever a visão antropológica da logoterapia aplicada à infância. Seus objetivos específicos são descrever os pontos característicos da psicoterapia centrada no sentido e tecer algumas considerações referentes à prática do logoterapeuta infantil. Os questionamentos que norteiam a pesquisa incluem as seguintes indagações: como a Logoterapia e Análise Existencial compreende a infância? Como se aplicaria tal abordagem para esse público específico? Quais seriam os pontos relevantes para a atuação do logoterapeuta infantil?

A motivação deste estudo reside na necessidade de aprofundar a compreensão sobre a Logoterapia aplicada à prática clínica na infância. Justifica-se, portanto, pela lacuna na literatura e pela contribuição que oferece a outros profissionais logoterapeutas.

MÉTODOS

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica exploratória qualitativa. Buscou-se nesta pesquisa explorar, conforme a concepção antropológica frankliana, a infância e os pontos essenciais da clínica logoterapêutica infantil.

A análise envolveu critérios de inclusão abrangentes como artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso, teses, dissertações e livros em português e espanhol. Além disso, a busca dos termos: Logoterapia, criança; psicologia da criança; psicoterapia e logoterapia infantil, com o critério de seleção das publicações que versam sobre o tema na perspectiva da Logoterapia. As bases de dados de busca utilizadas incluem SCIELO, PEPSIC e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Ademais, não foi inserida uma data limite para critério de exclusão dos textos devido à escassez de materiais publicados sobre o tema. O critério de exclusão foram publicações que abordavam a psicologia da criança sem abordar os fundamentos da Logoterapia.

Após a leitura e análise dos conteúdos selecionados, o material foi organizado em quatro eixos temáticos: “Conceitos fundamentais da Logoterapia”; “O olhar para a criança na perspectiva da Logoterapia”; “A Logoterapia aplicada à clínica infantil”; e “O psicólogo logoterapeuta infantil”. A construção desses eixos temáticos seguiu uma lógica estruturada, com base nos temas emergentes das pesquisas avaliadas, que evidenciaram a necessidade de uma abordagem integradora e específica para o contexto da clínica infantil dentro da Logoterapia e Análise Existencial, tais eixos fundamentam o resultado de pesquisa. O eixo “Conceitos fundamentais da Logoterapia” visa apresentar a base teórica essencial da abordagem, alinhando suas premissas principais com a prática clínica. Já o eixo “O olhar para a criança na perspectiva da Logoterapia” busca compreender o ser infantil a partir de uma ótica existencial, considerando a importância do sentido de vida na infância e as implicações dessa busca no desenvolvimento da criança. O eixo “A Logoterapia aplicada à clínica infantil” organiza as estratégias terapêuticas adaptadas ao público infantil, enquanto o eixo “O psicólogo logoterapeuta infantil” enfoca o papel do profissional, suas competências e a postura necessária para atuar com crianças, sempre com a sensibilidade necessária para trabalhar questões existenciais de forma adequada à idade e ao estágio de desenvolvimento. A organização desses eixos reflete o desejo de promover uma visão integral, fundamentada e aplicada, que guia tanto o psicoterapeuta quanto a prática clínica na busca do sentido para as crianças que enfrentam desafios existenciais. Na sequência serão apresentados os resultados de acordo com os eixos temáticos.

RESULTADOS

1) Conceitos fundamentais da Logoterapia

Na perspectiva da Logoterapia, um dos conceitos que se destaca é a autotranscendência. O conceito de autotranscendência refere-se ao fenômeno que inscreve o ser humano no fato fundamental da sua existência: “O homem, de fato, está sempre orientado para algo que o transcende, seja um sentido a realizar, seja uma pessoa a encontrar”^(8:21). Para Frankl, aqui está o elemento essencial da existência humana e “A existência vacila e desmorona se não for vivida essa qualidade de autotranscendência”^(5:50).

A autotranscendência é um recurso noético característico da constituição do homem, pois suas ações sempre se orientam para alguém ou para algo diferente dele mesmo (sair de si). As duas principais manifestações da autotranscendência no ser humano são: o amor e a consciência. Na medida em que nos orientamos no mundo, esquecemos nossas necessidades (autodistanciamento), realizamos um sentido e concretizamos valores. Como consequência desse processo, a pessoa pode experimentar a autorrealização. Caso a existência não tenda para um sentido (*logos*), ela se fecha em si mesma, e disso resulta em frustração existencial, considerada por Viktor Frankl a neurose de massa da atualidade^(3,4,5,6,15).

O ser humano “é capaz de distanciar-se não apenas de uma situação, mas de si mesmo. Ele é capaz de escolher uma atitude com respeito a si mesmo e, assim fazendo, consegue tomar posição” diante de algo^(4:27). O autodistanciamento consiste na “liberdade do homem para tomar distância a respeito de si mesmo enquanto organismo psicofísico, escolhendo uma atitude frente aos seus condicionamentos”^(6:22). É uma capacidade essencial que pode se manifestar em atitudes heroicas ou de humor⁽¹⁶⁾.

O amor é entendido como algo essencial da pessoa, ou seja, é o modo de compreender o outro em sua singularidade, unicidade, peculiaridade, seu valor único, intransferível e insubstituível, nas suas potencialidades, no seu dever ser, acolhendo positivamente a pessoa amada. “O amor, eu diria, constitui a capacidade de apreender outro ser humano em sua genuína singularidade”^(4:29). O amor dá vida à liberdade do ser humano, fortalece os valores, não condicionando o homem às suas próprias limitações nem às dos outros ou das circunstâncias, permitindo então que possa ir para além de si mesmo, em direção a algo ou alguém.

A consciência é compreendida como o órgão valorativo / do sentido. “Já a consciência encerra a capacidade de apreender o sentido de uma situação em sua total unicidade – numa análise final, o sentido é sempre algo único, assim como também o é cada pessoa”^(4:29). Trata-se de um fenômeno relacionado com a dimensão noética do ser humano, é intuitiva, aberta e criativa. É o âmbito em que a pessoa humana pode se encontrar consigo mesma e com o mundo

em maior liberdade. Por ser o órgão do sentido, guia o ser humano para a liberdade e a responsabilidade; conseqüentemente, amplia as possibilidades de realizar valores, fazendo viver a realidade com sentido ⁽⁶⁾.

Para Frankl ⁽⁴⁾, o vazio ou vácuo existencial parece derivar de dois fatores. O primeiro tem relação com os instintos, que, diferentemente dos animais, não nos dizem o que temos que fazer. E o segundo fator está relacionado com o enfraquecimento das tradições, possíveis caminhos de transmissão de valores que auxiliam o ser humano a captar o que deveria ser feito. Quando deixam de ser comunicados, conseqüentemente, perdem o local de guia e referência e ficam obscuros. Desse modo, não sabendo o que deve fazer, comumente a pessoa acaba executando o que os outros estão fazendo, o que gera conformismo. Ou se submete às orientações e, muitas vezes, às imposições externas; movimento esse conceituado como totalitarismo. Segundo Santos ⁽¹⁷⁾, tal estado existencial pode se manifestar nos sentimentos de tédio, apatia, agressividade, indiferença, depressão, entre outros sofrimentos. Tal vivência é produzida pela perda “do horizonte dos valores e do sentido. O vazio existencial pode ser manifesto ou latente, caso em que é mascarado por trás da hiperintenção, hiperreflexão e hiperdiscussão” ^(6:145). Para buscar compreender o que leva ao sentimento de frustração de uma pessoa, faz-se necessário entender as suas motivações. “E a presença ubíqua do sentimento de falta de sentido pode nos servir de indicador na hora de encontrar a motivação primária – aquilo que, em última instância, o ser humano quer” ^(18:30).

O sentido é compreendido como aquilo que torna a vida digna de ser vivida, não pode ser dado por outra pessoa e nem criado pelo próprio sujeito, mas precisa ser encontrado ⁽¹⁸⁾. É sempre um potencial único, singular em cada situação e concreto ⁽⁶⁾. Está ligado à integralidade, à unidade e à singularidade. É incondicional (sempre está presente como possibilidade de ser encontrado). O sentido é singular, e não subjetivo, pois “equivale à apreensão de determinadas características do real” ^(8:30), que são captadas na relação do ser-no-mundo; gera um movimento, pois tenciona o ser humano⁽⁴⁾.

Na visão antropológica da Logoterapia, a pessoa é reconhecida como um ser bio-psico-noético, dotado de liberdade e de responsabilidade, capaz de se autodistanciar e de autotranscender; trata-se de uma abordagem com uma visão de pessoa em sua totalidade e integralidade. Assim, Frankl ressalta a importância de olhar para o ser humano além de seus aspectos somático e psicológico, frisando que a dimensão noética é o âmbito propriamente

humano, sendo a integralidade, a relação entre elas sua grande preocupação, elevando a importância da simultaneidade, de todas as dimensões na vida humana ^(4,6,15,16,19,20).

2) *O Olhar Para A Criança Na Perspectiva Da Logoterapia*

A Logoterapia e Análise Existencial contempla a criança em uma perspectiva antropológica, como uma pessoa livre, responsável, que tem consciência, sentido e um projeto de vida de acordo com sua idade, considerando-a em sua totalidade e em sua dinâmica particular. “Cada idade tem suas próprias questões existenciais e assuntos por resolver, em cada uma delas a vida levanta perguntas diferentes que a criança deve responder segundo suas circunstâncias particulares” ^(13:43).

Refletindo o percurso do desenvolvimento humano, a criança é influenciada por fatores de hereditariedade e pelas disposições psicofísicas como destino biológico. A ontogênese apresenta-se nas características do biológico, soma-se aos contextos culturais, educação e socialização da criança, aos fatores psicológicos; todos esses elementos aparecem como fatores condicionantes, influências radicais e não determinantes. A criança é compreendida na sua integralidade bio-psíquica-espiritual: “compreende-se que o amadurecimento do psicofísico seria uma condição necessária para ocorrer mudanças qualitativas e alcançar um nível de expressividade maior da pessoa espiritual” ^(21:29).

Além dos fatores mais intrínsecos de sua constituição, a criança também amadurece no ambiente em que está inserida, moldando seu desenvolvimento por meio das interações que estabelece com os fatos, as coisas e com as demais pessoas. Esse movimento de sair de si e ir ao encontro do outro ou de algo constitui a capacidade de autotranscendência do ser humano.

O processo de desenvolvimento humano é complexo e nem sempre o contexto é colaborativo para o crescimento saudável da criança. Assim, os contextos e motivos pelos quais uma criança chega para o acompanhamento psicológico podem ser muito variados. Por exemplo, uma das possíveis situações em que ocorre a procura pela psicoterapia infantil é quando a criança vem encaminhada por alguma instituição, normalmente busca a confirmação ou tratamento de uma hipótese diagnóstica ⁽²²⁾. Segundo Paiva ⁽²³⁾, os manuais diagnósticos como a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10) ou o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª edição (DSM-V)⁽²⁴⁾ são úteis para compreender melhor o quadro clínico da criança sem, contudo, reduzi-la somente a uma patologia. O psicodiagnóstico na Logoterapia abrange a dimensão

noética, ou seja, considera uma multidimensionalidade de fatores, na sua descrição: “O processo do psicodiagnóstico tem como objetivo identificar as restrições psicofísicas, as expressões dos recursos noéticos (autodistanciamento e autotranscendência) e a capacidade de resistência do espírito”^(23:57).

Quando a criança chega para o acompanhamento psicológico, a sua maneira de ser, com toda a sua potencialidade, aparece, e com ela as dificuldades de relacionamento e os conflitos vivenciados, os quais vão se manifestar na devida medida que o encontro existencial for estabelecido entre terapeuta e paciente. Desse modo, o logoterapeuta infantil estimulará novos meios para o infante viver os valores de experiência – inclusive, “em alguns casos, aparentes problemas de comportamento são meras dificuldades de relação”^(13:29). A criança precisa se sentir segura e confiante para abrir seu mundo interior para o logoterapeuta⁽²²⁾.

Conflitos não trabalhados na infância podem repercutir em outras fases da vida. O sofrimento infantil tende a ser, por vezes, negligenciado pelo imaginário de mundo perfeito dos adultos com relação à criança. O suicídio na infância é a quinta causa de morte mais recorrente nessa faixa etária⁽²⁵⁾. Frankl^(5,26) aponta que há uma estreita relação entre o vazio existencial e o suicídio. Dessa forma, deve-se trabalhar não só com o que é próprio da criança em sua fase de desenvolvimento na busca de sentido, mas também com as pessoas que estão inseridas em seu meio, a fim de fortalecer a rede de apoio do infante. A criança, mesmo em uma fase de desenvolvimento inicial, também aspira ao sentido e vivencia valores, pois isto é parte de sua humanidade, um aspecto inalienável, que possui uma expressão ainda em curso.

No percurso do crescimento infantil, a escola, além de promover o desenvolvimento cognitivo e motor, proporciona ao aluno a possibilidade de implementar valores de criação, experiência e atitude. Na vida escolar, a criança pode vivenciar os valores de atitude diante das inevitáveis adversidades pelas quais todo aprendiz passa. Os valores experienciais são iniciados no meio familiar, e posteriormente sua interação se expande à medida que ela começa a ter experiências sociais mais amplas, como participar de instituições educacionais, ampliando vínculos, e sua descoberta do outro e do mundo ao seu redor, com pessoas, com a natureza, com a arte, podendo iniciar esse processo no berçário, na creche ou no início da escola fundamental. “O encontro com o outro nos faz perceber quem somos e nos impulsiona a transcender”^(27:21). Ademais, os valores de criação podem ser vivenciados quando se envolvem em projetos sociais, arrecadações, elaboram diferentes atividades, entre outras diversas possibilidades criativas.

A Psicóloga Raisia Simões ⁽²⁷⁾ salienta que a infância é um período do desenvolvimento não só físico, mas também da personalidade, o que dentro da Logoterapia sugere uma visão da personalidade envolvendo seus fatores multidimensionais. Por isso, é de extrema importância proporcionar oportunidades de “discussões e vivências acerca de valores morais, sociais, éticos, vivenciais e atitudinais que despertem a dimensão espiritual na condução de supra sentido das crianças em questão, principalmente se tratando de uma situação de risco” ^(27:7).

Os autores que questionam se a visão antropológica da Logoterapia poderia ser aplicada ao universo infantil alegam que a criança não tem desenvolvido a competência para encontrar sentido ou aplicar os conceitos de liberdade e responsabilidade. No entanto, a psicóloga logoterapeuta colombiana Clara Martinéz Sánchez, referência na Logoterapia infantil, contrapõe tal afirmação e pontua que a prática clínica mostra que é desde a tenra idade que o ser humano direciona sua existência para o sentido. A clínica infantil logoterapêutica busca auxiliar nesse processo de autoconsciência reflexiva, afinal, para Sánchez ^(13:23), “a criança tem a capacidade de autotranscender e possibilitar o frutífero germe da autotranscendência, transformando-se em um ser que assume a responsabilidade de realizar valores e exercer a liberdade”. Cada fenômeno humano precisa ser observado em seu contexto, também cronológico e de desenvolvimento. A criança revela os primeiros passos da expressão de sua humanidade, demonstrando claramente em relatos clínicos e em observações mais sensíveis que ela capta, intui e atua nos valores, percebe o sentido e se realiza nele, considerando que as expressões mais complexas dessa humanidade vão eclodindo ao longo de seu desenvolvimento, acompanhadas da integralidade e da simultaneidade do desenvolvimento físico, emocional, social e humano.

De acordo com Sánchez ⁽¹³⁾, a Logoterapia pode ser empregada na clínica infantil e ser de grande auxílio tanto para trabalhar as questões pertinentes ao desenvolvimento integral da criança bem como a orientações parentais que se façam necessárias. Vale a pena ressaltar que a Clínica Logoterapêutica com crianças, sempre levará em conta uma visão de pessoa ampliada, observando a criança de forma multidimensional, acompanhando e tratando aspectos psicofísicos, mas acrescentando, em relação a psicoterapias mais tradicionais, os fatores noéticos / humanos disponíveis a cada criança em cada tempo do seu desenvolvimento, respeitando sua unicidade e a singularidade de seu desenvolvimento. Diante disso, são apresentadas neste artigo algumas técnicas e ferramentas que podem ser utilizadas no trabalho psicológico logoterapêutico na clínica infantil.

3) *A Logoterapia Aplicada À Clínica Infantil*

Viktor Frankl criou e aprimorou técnicas que contribuem para romper círculos psíquicos viciosos, colaborando, assim, para que a pessoa consiga desenvolver o autodistanciamento, a autotranscendência, a mudança de atitude, a redução dos sintomas, além, é claro, de contribuir na orientação para encontrar o sentido da vida ⁽²⁸⁾. Frankl ⁽⁴⁾ faz algumas pontuações de suma importância que precisam ser refletidas antes de se aplicar as técnicas. Para Frankl ⁽⁴⁾, as aplicações clínicas e as técnicas decorrem das implicações antropológicas da Logoterapia. “Há muito, já se percebeu que o que tem mais significância na terapia não são as técnicas, mas sim, o tipo de relação humana que se estabelece entre o terapeuta e paciente, isto é, a questão do encontro pessoal e existencial” ^(4:14).

No contexto aplicado à psicoterapia infantil a utilização de métodos, técnicas, entre outros recursos, sempre há que se observar as duas variantes deste encontro existencial: a singularidade do logoterapeuta e a da criança. Assim, não há um padrão rígido a ser seguido, e as técnicas e aplicações, elaboradas de um modo mais livre, são usadas de acordo com a demanda da criança e as possibilidades do psicoterapeuta. Atuando na clínica infantil, o profissional precisa se colocar próximo, sentar-se ao lado, ao nível da criança, ser espontâneo, autêntico e interagir na brincadeira ⁽¹³⁾. O que vai ao encontro de duas capacidades que Frankl considera imprescindíveis para o terapeuta: a individualização e a criatividade ^(5,18).

O objetivo geral da intervenção logoterapêutica é o maior acesso à dimensão noética (espiritual), já que se compreende que este é caminho particular da terapêutica na Logoterapia. Deste modo, tratar através do *nous*, ou seja, do espiritual, nos dois aspectos: como fator constitutivo do ser humano e na manifestação deste. Uma terapêutica no qual se vai “conduzindo ao descobrimento do sentido, ao desbloqueio do psicofísico que impede o despertar ou a expressão do espiritual” ^(22:314-315). A mesma autora elenca outros objetivos complementares da psicoterapia como: o desenvolvimento dos recursos da dimensão noética, ou seja, autodistanciamento e autotranscendência; exploração das potencialidades da criança e auxílio na construção de seu plano de vida; identificação dos obstáculos que impedem seu desenvolvimento; trabalho interdisciplinar e familiar; valorização do espaço de liberdade da criança; acompanhamento da criança em sua descoberta de sentido; valorização das suas capacidades noéticas intactas para lidar com as fragilidades psíquicas e potencializar a capacidade de superação dos obstáculos⁽¹³⁾.

No processo de psicoterapia é importante a psicoeducação, que diz respeito à colaborar na compreensão da criança, de acordo com a faixa etária, o que é que ela está vivendo, ajudá-la a nomear o que ela está sentindo e perceber-se na situação vivenciada, encontrando alternativas para lidar consigo e com seu entorno. Trata-se de uma educação existencial que move a criança para “uma nova perspectiva de analisar o mundo, levando em consideração questões valorativas e atitudinais, utilizando conceitos da Logoterapia e Análise Existencial”^(10:79). De acordo com a compreensão antropológica, a Logoterapia postula que o infante não se restringe a sua carga genética e até mesmo das influências socioeconômicas e psíquicas, assim como o adulto. Afinal, segundo Freitas^(16:95), “pela nossa liberdade podemos reescrever nossa história e tomar posse da direção de nossa vida”. A criança, diferente do adulto, é limitada na amplitude de sua liberdade social, pois possui mais dependência do que o adulto. Entretanto, ela também pode utilizar sua liberdade última para compreender, na medida possível ao seu desenvolvimento, o que ocorre e qual espaço de liberdade ela possui para enfrentar a situação.

Na orientação psicoterapêutica, parte-se da premissa de que a vida sempre tem um sentido, independentemente de faixa etária ou de circunstâncias. “Para a Logoterapia, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano”^(3:124). Viktor Frankl compreende que “o homem não é livre de suas contingências, mas sim livre para tomar uma atitude diante de quaisquer que sejam as condições apresentadas a ele”^(27:13), o que permite maior acesso à sua capacidade de autodistanciamento e autotranscendência⁽¹⁴⁾.

Pode-se convidar a criança a desenhar uma situação que ela vivenciou. O ato de representar o fato em uma folha, por exemplo, pode facilitar a capacidade do autodistanciamento e da autotranscendência. Em um estudo de caso de um evento traumático em uma criança, Kroeff⁽¹⁴⁾ utilizou no processo terapêutico a técnica do desenho, pois o ato de ilustrar promove um autodistanciamento entre o consultante e o seu sintoma ou seu sofrimento. Na sequência, o terapeuta incentivou que a criança distinguisse o que não era possível de ser alterado (facticidade do roubo) daquilo que poderia ser mudado (as possibilidades que ela poderia escolher para enfrentar aquela situação). Como consequência desse exercício, observou-se que os sintomas cessaram e, desse modo, as atividades e vivências significativas, que tinham valor para esta criança, das quais ela vinha se privando, puderam ser novamente acessadas.

A pessoa por si mesma não consegue ignorar o que a está incomodando e, na medida em que consegue utilizar a técnica da derreflexão, encontra novas perspectivas. Essa técnica

logoterapêutica sinaliza a mudança do foco imanente de atenção de si mesmo para um outro foco, desestimulando a hiperintenção e a hiperreflexão, que em muitas situações causa sofrimento para a pessoa. Assim, “o homem é orientado e guiado em direção ao sentido concreto de sua existência” (28:210).

Por sua vez, o humor também se mostra como um excelente recurso terapêutico, pois o humor permite ao paciente alcançar o distanciamento necessário para analisar de maneira objetiva o sintoma e toda a neurose (18). De acordo com Aquino (1:81), “A Logoterapia concebe o humor como fenômeno especificamente humano, e lança mão dele para que o paciente mobilize a sua dimensão espiritual, em contraposição à dimensão psicofísica”. No caso da criança, esse recurso poderá ajudá-la a perceber que aquilo que a incomoda pode ser expresso de algum modo e, assim, se autodistanciando, ampliando as perspectivas, e até mesmo abrindo a possibilidade de rir de realidades presentes em sua vida. Este autodistanciamento poderá contribuir para a quebra de um círculo vicioso, pois diminui a força de quadros de ansiedade antecipatória (18).

Quanto mais nova for a criança, mais será necessário o uso de recursos lúdicos que auxiliem na expressão material de seus pensamentos e sentimentos para a aplicação das técnicas e o desenvolvimento da psicoterapia. Segundo Papalia e Feldman (30), isso se justifica, pois a criança tem dificuldades de lidar com o pensamento abstrato. A fantasia e o lúdico fazem parte do dia a dia da criança, e ao acionarmos esse ponto, vamos juntos entrando no mundo da criança, que vai aprendendo a confiar e a se aproximar da pessoa do “terapeuta” ou “psicoterapeuta” que agora passa a adentrar em sua realidade mais profunda.

O ser humano pode encontrar o sentido de sua vida por meio dos valores de criação (por meio de nossas ações, trabalhos, ou seja, por meio daquilo que o homem oferece ao mundo), valores de experiência (vivências, encontro, amor, isto é, em sua interação com o mundo e as pessoas) e por meio dos valores de atitude (em que se observa a capacidade mais humana por meio da qual o sujeito decide por transformar um momento difícil, de sofrimento em uma realização de valores, em outras palavras, é a postura que a pessoa adota diante de um sofrimento inevitável)⁽⁵⁾. Portanto, a logoterapia infantil, respeitando a capacidade de cada criança e sua singularidade, busca fortalecer sua dimensão noética, na medida que o infante possa ter consciência de perceber que não está unicamente sobre a influência dos instintos, bem como orientado para o sentido⁽²²⁾.

A ludoterapia é outro recurso usado na psicoterapia infantil. Para Sánchez ⁽¹³⁾, essa estratégia trata do brincar dentro do espaço clínico e pode estar associada com a arteterapia e com a biblioterapia. É uma ferramenta privilegiada para que a criança expresse sua dimensão noética, uma vez que é um espaço de vivência dos valores, do autodistanciamento, entre outros aspectos. Enquanto a criança joga, convém associar o diálogo socrático, isso permitirá uma postura mais ativa do psicoterapeuta e auxiliará a criança também em seu processo logoterapêutico. Costa ⁽³¹⁾ enfatiza a importância da ludicidade como uma ferramenta que auxilia na manifestação de valores criativos, vivenciais, incentivando a criatividade, a imaginação e a fantasia, fortalecendo o vínculo entre o psicoterapeuta e a criança. Os recursos lúdicos também podem ajudar no acolhimento e enfrentamento de situações delicadas, como um tratamento de uma doença grave, por exemplo, o câncer.

Sobre a biblioterapia aplicada à clínica infantil, Pinto ⁽³¹⁾ aponta para a utilização do livro como meio terapêutico não só em casos de patologia, mas também em crises existenciais. A autora descreve um caso clínico infantil com biblioterapia que facilitou a elaboração de sentimentos difíceis, auxiliando na captação do valor próprio, que fez com que a criança saísse da posição de insegurança e mudasse sua atitude ⁽³²⁾. A autoescrita da história da criança em formato de livro favorece o autoconhecimento, facilita o autodistanciamento e a vivência da autotranscendência. É importante destacar que a criança também pode experimentar crises de vazio existencial quando é impedida de viver valores que são significativos para ela, não conseguindo encontrar sentido ou valor na vida.

O diálogo socrático aplicado no contexto deste estudo, também chamado de jogo socrático, não é usado exclusivamente pela Logoterapia, mas também por outras abordagens psicoterapêuticas e até mesmo em outras áreas do conhecimento. Para a Logoterapia, o diálogo socrático é a principal técnica utilizada e favorece, por meio de questionamentos, o fortalecimento da consciência da pessoa espiritual, além de ser um auxílio na descoberta do sentido para a vida do paciente ^(6,33). Não se busca por meio das perguntas criar um interrogatório, mas estimular a liberdade e a responsabilidade do paciente, formulando questionamentos descritivos como: O quê? Quem? Quando? Como? Onde? Para quê?

Do mesmo modo que se tem lição de casa da escola ou de outras atividades em que a criança está inserida, é de bom proveito criar "tarefas existenciais" para a criança viver durante a semana até o próximo encontro. Além de ajudar a criança a internalizar o que foi conversado na psicoterapia; é uma técnica que ajuda a integrar o conteúdo discutido na vida cotidiana da

criança. Essas estratégias têm o objetivo de estimular a vivência dos valores, autoconhecimento e instigar as tomadas de decisões ⁽²²⁾.

A técnica analítico-existencial do denominador comum, também conhecida como a técnica das perdas e ganhos, consiste em buscar encontrar um ponto ou referência em comum entre as questões, opções, situações nas quais o indivíduo precisa fazer sua escolha. A partir desse denominador comum, analisa-se em cada opção do que o sujeito irá se privar ou o que vai privilegiar em cada eleição. Pode ser útil elaborar uma lista de valores, a qual ajudará nas tomadas de decisão, pois esse elenco estruturará de forma consciente suas necessidades e ajudará a priorizar o que realmente é importante para a pessoa ⁽²⁾.

4) O Psicólogo Logoterapeuta Infantil

Para um psicólogo atender ao público infantil, é necessário que primeiro ele tenha trabalhado sua própria infância e sua história familiar, para evitar qualquer tipo de projeção ou colocar na criança seus desejos e circunstâncias de sua história pessoal. Sánchez ⁽¹³⁾ explica que o logoterapeuta precisa avaliar-se e reavaliar-se a si próprio:

Faça uma revisão de definição do ser como terapeuta, que inclui não o ser onipotente, implica aceitar suas limitações, valorizar e reconhecer sua tarefa no descobrimento do sentido, atualizar-se em cada momento do processo terapêutico reconhecendo sentimentos, emoções e cognições sobre no encontro com os outros (crianças, pais, familiares, profissionais da saúde, educadores, etc.), com os quais de uma ou de outra forma tem contato no transcurso do processo de intervenção ^(13:33).

O profissional necessita estudar profundamente a psicoterapia infantil, o desenvolvimento humano e a teoria da Logoterapia, além de pesquisar os autores de referência sobre a infância. Além disso, ter consciência das representações sociais e culturais, pois os paradigmas de cada época também influenciam as crianças e modelam nossa compreensão sobre a infância ^(13,23,27).

A missão do logoterapeuta consiste em “iluminar e ampliar as possibilidades que se encontram na área das possibilidades de ser e dever ser do paciente e ajudá-lo a descobrir a possibilidade que qualitativamente possui mais significado, o que leva de um ser para outro”^(1:84). O profissional estimula a consciência reflexiva da criança, o que fortalecerá a autoconsciência do infante, que, conseqüentemente, será mais autônomo para fazer suas escolhas dentro de sua contingência e estará mais atento a perceber os sentidos que a vida lhe propõe em cada situação. Ademais, segundo Sánchez^(13:26) “o terapeuta acompanha a criança

no processo de afinar a consciência, de forma que tenha o ouvido suficientemente afinado para escutar a exigência latente em cada situação, especialmente a que acontece neste momento particular”. O psicólogo adota um papel semidiretivo, ou seja, não é a criança que conduz plenamente a sessão de psicoterapia ⁽²⁷⁾.

Dentro das suas capacidades a criança tem seu projeto de vida, ainda que não elaborado, incompleto e em trânsito, mas com muitas intuições e expressões a seu respeito e o psicólogo a acompanha nesse processo. Tal processo, contudo, irá sofrer modificações ao longo de toda a existência dessa pessoa. A essência do seu objetivo, todavia, não muda: “o projeto, como parte do dever ser, tem como objetivo a busca do sentido na vida e se dirige para a consecução dos valores na área da liberdade humana” ^(10:49).

Dentro do próprio espaço da clínica psicológica, o logoterapeuta pode, por meio da criatividade e dos seus conhecimentos, proporcionar oportunidades de vivência dos valores de criação, experiência e fortalecer os valores de atitudes, mediante as atividades e por meio do vínculo estabelecido com a criança, da convivência, do diálogo, das brincadeiras, entre outros. Trabalham-se habilidades sociais, cognitivas, expressão, motricidade e estimula-se a busca do sentido, quer seja das atividades que ela vivencia, quer seja do seu projeto de vida ⁽²⁷⁾.

A criança com sua família chegará com uma demanda particular na clínica, por exemplo, ser vítima de *bullying*. Além de dar atenção a essa solicitação pontual, o logoterapeuta tem objetivos que sempre estão presentes em sua atuação: fazer consciente o inconsciente espiritual (recursos noéticos de autodistanciamento e autotranscendência), facilitar o processo de autocompreensão (somática, psicológica, noética, existencial) ⁽²²⁾.

Outra tarefa é trazer para a consciência questionamentos como: Quem sou? Para onde vou? O que quero (em cada momento particular da vida)? Acompanhar as crises existenciais, principalmente ter uma atenção especial para a crise da puberdade e da adolescência, se constitui como ponto importante de atenção. Também terá importância o uso das técnicas, aplicando-as de uma forma lúdica, por meio dos jogos, revela-se na criança a expressão máxima da liberdade, permitindo nesse momento a manifestação da sua espiritualidade ⁽²²⁾.

A utilização das ferramentas e técnicas citadas anteriormente podem auxiliar a criança a olhar com mais objetividade os fatos e a ter uma visão mais ampla daquele momento que ela viveu ou vive. Com isso, busca-se identificar quais são os pontos, as realidades positivas existentes ainda naquele contexto e que, conseqüentemente, podem ajudar essa pessoa a encontrar o sentido, ou seja, realiza-se um balanço existencial ⁽¹⁵⁾.

Há a possibilidade que chegue ao consultório uma criança encaminhada, quer seja por um outro profissional ou por uma instituição, com um diagnóstico e/ou relatório já estabelecido. Em tal cenário, é imprescindível ler e estudar tal avaliação, e é salutar realizar uma reavaliação como prevenção de repetição de um diagnóstico e etapa que já não corresponda com o momento presente. Visto a tarefa de responsabilidade do terapeuta de reavaliação no processo terapêutico atual ao possibilitar novos caminhos de oportunidade, ao favorecer o alargamento do campo fenomenal e ao acolher com uma visão positiva e esperançosa do processo de mudança ⁽¹³⁾.

Sánchez ⁽¹³⁾ descreve alguns pontos importantes da criança e do seu contexto que o psicólogo precisa considerar no processo de reavaliação como: não reduzir a criança a um diagnóstico e, conseqüentemente, emitir juízos de valores; escutar atentamente a fala da criança e, quando necessário, solicitar maiores esclarecimentos; ressaltar as potencialidades e a integridade da dimensão noética; valorizar os recursos disponíveis; contrapor com as possibilidades e promover a vivência dos valores.

O espaço onde o psicólogo atende precisa ser pensado e adaptado, por isso deve-se dispor de brinquedos, pode-se ter almofadas, cadeiras mais apropriadas para o tamanho das crianças, e elas podem dar dicas para o consultório ⁽¹³⁾. É de bom proveito observar em meio a que rotina a criança está se encaminhando para o consultório: está vindo de sua casa, vindo direto da escola ou do clube esportivo; após a sessão, normalmente ela vai se encontrar com seus amigos, vai para casa e é o momento de realizar as tarefas escolares etc. Também interessa saber do que ela está se privando para estar na psicoterapia: de suas brincadeiras, dos filmes que assiste, entre outros.

Quando requisitados a dar início a um acompanhamento infantil, há pais ou responsáveis que preferem ir sem as crianças. Sánchez ⁽¹³⁾ recomenda essa prática em casos de crianças que sofreram maus tratos psicológicos ou físicos, ou nos casos em que os pais estão separados. De um modo geral, é bom que a criança também venha na primeira sessão e que seus responsáveis possam acompanhar esse primeiro encontro, pois os pais são importante ponte entre a criança e o logoterapeuta. Na primeira sessão é importante explicar o que é uma psicoterapia infantil, como se irá trabalhar, dialogar sobre as expectativas mútuas para o acompanhamento, o tempo que dura cada encontro, sobre o sigilo e outros aspectos que o profissional julgue pertinente. Segundo a mesma autora, a desinformação propicia o abandono do acompanhamento psicológico.

Depois de feita a anamnese, o profissional inicia a etapa do desenvolvimento da psicoterapia. A duração dessa fase irá depender dos resultados que se vai obtendo ^(13,18). A escuta ativa por parte do logoterapeuta é fundamental ao longo de toda psicoterapia, o que popularmente é descrito como “ler nas entrelinhas”, isto é, estar atento ao que a criança fala da sua dimensão noética por meio dos gestos, frases e sentimentos. A mesma autora explica:

Nesse sentido o terapeuta deverá ter, ao menos por alguns instantes, a flor da pele esta ‘escuta ativa’ da expressão do espiritual que se manifesta numa ação, numa frase, na expressão de um sentimento e nomeá-lo, fazê-lo existir, dar-lhe sua importância ^(13:32).

É esse movimento do encontro existencial do inconsciente espiritual do terapeuta que instiga na criança sua própria consciência, e concomitantemente essa pessoa vai crescendo em sua liberdade e na sua responsabilidade, mudando sua postura de passividade para uma postura proativa. Sendo assim, a criança vai tendo mais facilidade de perceber a existência do seu ser espiritual, com o que há de mais propriamente humano nela, que se orienta para algo ou alguém ⁽¹⁵⁾. “Só na medida em que somos intencionais somos existenciais”^(13:33).

Para que se estabeleça um vínculo positivo entre o logoterapeuta e a criança, um verdadeiro e transformante encontro existencial ⁽⁴⁾, é fundamental que o psicólogo seja ele próprio, genuíno e tenha um bom humor que abre espaço para um diálogo franco e confiante, oferecendo um espaço seguro. “O ser espontâneo, autêntico, sincero e honesto facilita o trabalho com as crianças, (...) é recomendável preferencialmente expressar um pouco de nossa própria infância” ^(13:61).

A psicoterapia chega também em um encerramento que se identificam os valores e sentidos atingidos. Um método que pode auxiliar a identificar de modo concreto se os objetivos da psicoterapia foram atingidos, é utilizar a ferramenta do farol de sentido desenvolvido pela psicóloga Clara Sánchez ⁽¹³⁾. Nessa abordagem, a autora recomenda realizar novamente a avaliação ou teste que possa ter sido efetuado no início da terapia. Sánchez⁽¹³⁾ apresenta um decálogo de orientações que podem ajudar o logoterapeuta infantil: ter uma convivência estreita com sua “criança interior”; potencializar a vivência dos valores; ser autêntico, otimista e criativo; explorar sua capacidade de autodistanciamento e autotranscendência, bem como o humor; formular sua própria história pessoal e a trabalhar com um outro profissional; transformar as sessões de psicoterapia em “encontros existenciais”; valorizar a criança com toda a dignidade que ela tem por ser pessoa e não rotular a criança com uma patologia.

Não menos importante é recordar que o logoterapeuta busque o auxílio da supervisão para os seus atendimentos e ele mesmo faça psicoterapia. Essa orientação amplia o campo de visão do logoterapeuta, explora novas perspectivas de atividades, ferramentas e condução dos casos. “É importante ter um par, um colega, com que você se reúna quando seja necessário para conversar sobre algumas situações, sentimentos e emoções relacionadas com seus casos, especialmente se conduz um número alto de consultantes” (13:38).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se a criança como uma pessoa, um ser bio-psico-noético dotado da capacidade de autodistanciamento e de autotranscendência, de liberdade e de responsabilidade, buscador de sentido por meio dos valores de criação, vivência e de atitude, com projeto de vida. Tudo isso de acordo com sua faixa etária e de acordo com a singularidade de cada sujeito. Não se compreende o infante de modo reducionista e determinista, quer seja por seu contexto ou por um possível diagnóstico. Direciona-se o olhar para a dimensão essencialmente humana da criança, a dimensão noética, ou seja, dimensão está integradora, na qual se revela as potencialidades e vias de sentido daquela existência.

As técnicas, ferramentas e instrumentos logoterapêuticos são recursos que visam colaborar na prática clínica infantil. Eles precisam ser adaptados de acordo com a capacidade do paciente que se está atendendo, principalmente do modo mais concreto e lúdico possível. A escolha de qual meio usar dependerá, tanto do que se busca desenvolver, como também da singularidade da criança e do psicoterapeuta.

Por parte do profissional de psicologia que atue em Logoterapia, observou-se a importância de trabalhar sua própria infância e, além do conhecimento teórico da abordagem, também a necessidade de buscar conhecer as teorias do desenvolvimento humano e da formação continuada.

Este estudo teve por objetivo descrever a visão antropológica logoterapêutica aplicada à infância, os pontos característicos da psicoterapia centrada no sentido e algumas considerações referentes à prática do logoterapeuta infantil. Considera-se que tal propósito foi atingido.

A abordagem psicológica da Logoterapia, criada por Viktor Frankl, vem sendo desenvolvida em uma constante ampliação e divulgação. No decorrer deste estudo, foi possível

observar a fidelidade ao escopo teórico logoterapêutico na aplicação da clínica infantil, quer seja pela coerência na visão antropológica, quer seja na prática psicoterapêutica.

Para o desenvolvimento deste artigo foram observadas como limitação a quantidade de estudos encontrados nas bases pesquisadas, gerando, assim, uma limitação das obras estudadas. Foram encontrados um maior desenvolvimento de trabalhos na Colômbia e na região nordeste do Brasil. Além disso, não foram encontrados materiais publicados em revistas científicas de qualis A1 e A2.

Espera-se que tal artigo possa contribuir para o avanço da clínica infantil logoterapêutica, assim como instigar maiores reflexões e desenvolvimento de novos estudos. Que esta pesquisa também possa auxiliar tanto em situações interventivas como para poder atenuar futuros aspectos que prejudiquem o desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

1. Aquino TAA. Logoterapia e Análise Existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Paulus; 2013.
2. Frankl VE. O que não está escrito nos meus livros. São Paulo: É Realizações; 2010.
3. Frankl VE. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. 44a ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes; 2018.
4. Frankl VE. A Vontade de Sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia. São Paulo: Paulus; 2011.
5. Frankl VE. Um sentido para a Vida: psicoterapia e humanismo. Aparecida: Ideias e Letras; 2005.
6. Guberman M, Soto EO. Diccionario de logoterapia. Buenos Aires: Lumen Hvmnitas; 2005.
7. Xauza IAM. A psicologia do sentido da vida. Campinas, SP: Vide Editorial; 2011.
8. Frankl VE. O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia. São Paulo: É Realizações; 2019.
9. Ariès P. História Social da Criança e da Família. 2a ed. Rio de Janeiro: Guanabara; 1986.
10. Damásio BF, Silva PJ, Aquino TAA. Logoterapia e Educação. São Paulo: Paulus; 2010.

11. Duarte CZCG. Adolescência e sentido de vida. 1a ed. Curitiba: CRV; 2015.
12. Brasil. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos; 1990. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm
13. Sánchez CM. Orientando a la infancia hacia el sentido. Una mirada desde la logoterapia de Viktor Frankl. Bogotá: Faros de Sentido; 2014.
14. Kroeff P. Logoterapia e Superação de evento traumático em uma criança. Rev Logos e Existência [Internet]. 2012 [citado 2024 Set 1];1(2):173-8. Disponível em: <https://encurtador.com.br/uFU35>
15. Frankl VE. Psicoterapia e Sentido da Vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial. 7a ed. São Paulo: Quadrante; 2019.
16. Freitas MLS. Pedagogia do sentido: Contribuições de Viktor Frankl para a educação. 2a ed. Ribeirão Preto: IECVF; 2018.
17. Santos DMB. Aprendendo a logoterapia e análise existencial com recursos lúdicos-didáticos. 1a ed. Ribeirão Preto: IECVF; 2021.
18. Frankl VE. A psicoterapia na prática: uma introdução casuística para médicos. Petrópolis: Vozes; 2019.
19. Kroeff P. Logoterapia: uma visão da psicoterapia. Rev abordagem gestalt [Internet]. 2011 [citado 2024 Set 1];17(1):68-74. Disponível em: <https://encurtador.com.br/jmvH3>
20. Peter R. Viktor Frankl: a antropologia como terapia. São Paulo: Paulus; 1999.
21. Simões RFM, Carvalho TO, Aquino TA. Infância e adolescência na perspectiva da Logoterapia e Análise Existencial: uma proposta teórica e prática. Em: Logoterapia com crianças e adolescentes: teoria e prática. Belo Horizonte: Artesã; 2022.
22. Sánchez CM. Aportes a la psicoterapia con niños: Orientando hacia el sentido. In: Valiente S, editor. Logoterapia en acción: Aplicaciones prácticas. Buenos Aires: San Pablo; 2009. p. 291-332.
23. Paiva MAFP. Intervenção na Clínica Infantil: Contribuições da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl [Monografia de Graduação]. São Luís: Universidade Federal do Maranhão; 2018. Disponível em: <https://rosario.ufma.br/jspui/handle/123456789/2339>
24. American Psychiatric Association. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5a ed. Nascimento MIC, tradutor. Porto Alegre, RS: Artmed; 2014.

25. Sebastião MB. O suicídio na infância e na adolescência: uma revisão bibliográfica [Monografia de especialização]. Criciúma: Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc); 2012. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/1251>
26. Frankl VE. O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver. São Paulo: É Realizações; 2015.
27. Simões RFM. Promoção do Sentido na Infância: Um Relato de Experiência com Crianças em Situação de Vulnerabilidade [Monografia de Graduação]. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba; 2016. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/11967>
28. Frankl VE. Teoria e Terapia das Neuroses: introdução à logoterapia e à análise existencial. São Paulo: É Realizações; 2016.
29. Frankl VE. A questão do sentido em psicoterapia. Mitre J, tradutor. Campinas: Papirus; 1990.
30. Papalia DE, Feldman RD. Desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artmed; 2013.
31. Costa E. Interfaces entre a logoterapia e a ludicidade: um facilitador na oncologia pediátrica [Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)]. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande; 2023. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/30992>
32. Queiroz MF. A biblioterapia e a autoestima como proposta de trabalho com crianças de pais separados sob a ótica da Logoterapia e da Análise Existencial. Em: Logoterapia com crianças e adolescentes: teoria e prática. Belo Horizonte: Artesã; 2022.
33. Paredes AKS. Diálogo Socrático en logoterapia. Avances en Psicología. 2014;22(1):61-74.